

O TESOURO DA QUINTA DAS CORTES (SOALHÃES, MARCO DE CANAVEZES)*

Notas sobre o entesouramento na 2ª metade do século III no norte de Portugal

José Marcelo S. Mendes-Pinto**

1 – A notícia

Em Fevereiro de 1999, quando se procedia a um desaterro nuns terrenos da Quinta das Cortes em Soalhães (Marco de Canavezes), a retroescavadora pôs a descoberto uma quantidade indeterminada de moedas em bronze, prontamente apanhadas por umas crianças que brincavam perto e que alertaram os moradores do lugar vizinho, dizendo que estavam a aparecer “medalhas”.

O espanto deu lugar à avidez, e a sua cor dourada fez crer que se tratava de moedas de ouro, pelo que foram vários os populares que acorreram ao local na mira do lucro fácil, tendo-se espalhado rapidamente a notícia no concelho.

Informados do achado, deslocámo-nos a Soalhães, onde observámos parte das moedas encontradas, que entretanto tinham sido divididas em vários lotes, repartidos entre familiares das crianças que as tinham achado, o proprietário do terreno e outros vizinhos.

Nesta ocasião conseguimos ver 31 moedas, todas elas *sestertii*, em razoável estado de conservação, mas sem a pátina original, uma vez que os populares as tinham esfregado com vinagre e outros abrasivos, no intuito de as limparem e pôr “o ouro à mostra”...

Numa análise muito rápida, identificámos moedas de vários imperadores, entre os quais Trajano, Marco Aurélio, Cómodo, Faustina e Valeriano, o que à partida indiciaa estarmos perante um tesouro constituído até à segunda metade do século III.

Levados ao local do achado, pudemos constatar a existência de uma larga mancha de terras escuras a contrastarem com o amarelo do saibro virgem, correspondente, com toda

*Este artigo foi alvo de uma comunicação com o mesmo título apresentado ao III Encontro Peninsular de Numismática Antiga, que teve lugar em Osuna (Sevilha) em 2003.

** Professor da FCSH da Universidade Nova de Lisboa e da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa-Centro Regional do Porto.

a probabilidade, à implantação de uma estrutura rectangular cujos alicerces tinham sido completamente arrasados pelos trabalhos de desaterro efectuados com a máquina.

Abundantes fragmentos de tégula e de cerâmica comum romana atestavam a ocupação de um provável casal – a avaliar pela pequena dimensão do negativo da estrutura – situado a meia encosta, virado a noroeste, e cujo assentamento tiraria pleno partido das condições naturais que prefiguram a trilogia agrária tão cara à exploração agrícola romana do *ager*, do *saltus* e da *silva*. Entre as cerâmicas encontradas numa rápida prospecção superficial do terreno, foi possível constatar a existência de:

a) cerâmicas de construção – fragmentos de tijolo e de tegula, de côr alaranjada (Cailleux M20)¹ e cinzento-avermelhada (Cailleux N71), respectivamente, fabricadas em pastas arenosas com grandes desgordurantes quartzíticos, com abundantes grânulos de óxidos de ferro.

b) cerâmicas comuns de cozinha, de cores acinzentadas escuras (T73 e T31), de fabrico em atmosfera redutora, paredes espessas, entre as quais é possível destacar um fragmento da tampa de uma panela (?) ou pote, com cerca de 14 cm de diâmetro.

- cerâmicas de cozinha de pastas micáceas com desgordurantes quartzíticos de calibre médio, apresentando nas suas faces externas cores acinzentadas (N92), com marcas de utilização ao fogo, e as faces internas de cor acastanhada clara (M71), assinalando-se um fragmento de um bordo de pote, com lábio esvasado, um fragmento de asa interior de alguidar ou assadeira em cerâmica acinzentada clara (M92), pasta bem alisada, levemente micácea, além de vários fragmentos de *dolia* em cerâmica também de cor cinzenta (N92), de pasta arenosa grosseira levemente micácea, com desgordurantes de calibre médio.

c) Cerâmicas comuns alaranjadas e rosadas (M57, M67 e L70), de pastas finas e razoavelmente depuradas, pertencentes a bilhas e copos.

d) Um fragmento de cerâmica pintada, pasta fina de côr rosada (L70), notando-se ainda uma faixa acinzentada transversal.

Estas cerâmicas parecem ser datáveis, genericamente, dos séculos II (2ª metade) e III, podendo no caso das alaranjadas e rosadas de pasta fina a sua cronologia ser estendida pelo século IV d.C.

2 – Estrutura do tesouro

Pela forma como apareceram estas moedas, tudo leva a crer estarmos perante um verdadeiro tesouro monetário, isto é, um conjunto de moedas reunidas ao longo do tempo, provavelmente a poupança de um indivíduo ou de uma família, encerrado num contentor – um recipiente cerâmico, ou uma bolsa de couro ou de pano - possivelmente escondido numa parede ou no vão do telhado². Os trabalhos de desaterro efectuados no local destruíram

¹ A. Cailleux, *Code des couleurs des sols*, Paris, s/d.

² José Marcelo S. Mendes-Pinto, *Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Tâmega*, Porto 1996. (Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP, polic.).

os restos de paredes e alicerces da casa romana ali existente, pelo que se torna praticamente impossível determinar onde se encontrava escondido o tesouro e qual o seu contentor. Pelo que contam as crianças que acharam as moedas, estas estavam espalhadas sobre a terra, não tendo reparado se ao seu lado estariam ou não fragmentos de cerâmica. Também não souberam dizer ao certo o número de moedas encontradas, pois algumas apareceram quando os populares atraídos ao local começaram a remexer a terra junto ao sítio onde apareceram as primeiras. Conseguimos apurar posteriormente que, além das 31 moedas por nós examinadas fugazmente, teriam aparecido mais 7 a que não tivemos acesso, pelo que o tesouro deveria ser composto por 38 *sestertii*, não havendo notícia do aparecimento de qualquer outro tipo de moeda neste local. Estamos assim perante um conjunto monetário composto exclusivamente por *sestertii*, o que o torna praticamente singular no noroeste peninsular.

Quando examinámos as 31 moedas já referenciadas, pouco depois do achado, não dispúnhamos de condições para proceder de imediato a um exame minucioso e à classificação das peças, pelo que nos limitámos a identificar os imperadores representados e a um registo sumário que tentámos completar mais tarde. Porém, apenas foi possível aceder até ao momento a 17 das moedas encontradas, o que representa 55% do total do tesouro, e das quais apresentamos o catálogo. Se a moeda mais recente que classificámos foi emitida no reinado de Philippus I, entre 244 e 249 d.C., a verdade é que na altura do achado foi possível observar um *sestertius* de Valerianus, pelo que a datação *post quem* do tesouro será atribuível aos anos 256-257 d.C. Este conjunto começa com uma moeda de Domitianus emitida em Roma *post* 85 d.C. e as restantes moedas distribuem-se da forma que se pode observar no quadro I.

I – Distribuição das moedas por Governantes

Governantes	Numero de moedas	%
DOMITIANVS	1	2,63
TRAIANVS	1	2,63
HADRIANVS	2	5,26
ANTONINVS PIVS	4	10,52
FAVSTINA I	1	2,63
M. AVRELIVS	2	5,26
FAVSTINA II	4	10,52
COMMODOVS	1	2,63
SEPTIMIVS SEVERVS	1	2,63
IIVLIA DOMNA	1	2,63
MAXIMINVS	2	5,26
GORDIANVS III	1	2,63
PHILIPVS I	1	2,63
VALERIANVS	1	2,63
TOTAL IDENTIFICADAS	23	60,5
TOTAL EXAMINADAS	31	81,5
TOTAL TESOURO	38	100

Se observarmos a distribuição das moedas do tesouro da Quinta das Cortes por períodos de emissão (quadro II), verificamos que as moedas emitidas entre o final do reinado de Nero e o fim da dinastia dos Antoninos (Commodus) representam 42% do total do tesouro e 69,5% das moedas identificadas, com uma distribuição baixa mas muito equilibrada entre 193 e 249 (5,26%) e apenas 1 moeda emitida entre 253 e 260 (2,63%), o que condiz com o que se sabia já sobre o progressivo desaparecimento do bronze na circulação monetária e um novo modelo de circulação a partir de Valerianus.

II – Distribuição por períodos de emissão

Período emissão	Nº moedas	%
69-192	16	42,1
193-222	2	5,26
222-238	2	5,26
238-249	2	5,26
249-253	0	0
253-260	1	2,63
Total identificadas	23	60,5
Não identificadas	8	21,00
Total tesouro	38	100

3 – A circulação e o entesouramento do bronze no noroeste peninsular

Não está muito adiantada a pesquisa sobre a moeda no século III em Portugal. O levantamento feito por Castro Hipólito³ no início dos anos 60 noticiava o achado de um grande conjunto de *sestertii* em Braga (Hipólito 12), referindo apenas que teriam sido cunhadas por “Hadriano e outros imperadores”, e não dando mais quaisquer elementos sobre a sua composição.

Noticiava também outro achado, o de Samardã (Hipólito 34), de mais de seiscentas moedas “grandes e medianos bronzes... estando representados Augusto, Vespasiano, Domiciano, Nerva, Trajano, Adriano e Sabina, Marco Aurélio e Faustina”, fixando a data do seu ocultamento nos finais do século II. Um outro achado, o de Agarez (Hipólito 35), também deveria conter alguns “...grandes bronzes de Vespasiano”.

A publicação das *Fouilles de Conimbriga*⁴ em 1974 não veio revelar novos achados de tesouros compostos exclusivamente por *sestertii*, mas ao publicar exaustivamente os achados de moeda do século II e III na Península Ibérica, deu um contributo decisivo para o estudo da circulação da moeda de bronze neste período e a sua progressiva substituição pela “prata” com a introdução do bolhão radiado.

³ Mário de Castro Hipólito, Dos tesouros de moedas romanas em Portugal, *Conimbriga*, Vol. II-III, 1960-61, pp.1-166.

⁴ I. Pereira, J.-P. Bost, J. Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974.

Foi Rui Centeno quem procedeu em 1986 ao esforço de inventariação mais exaustivo de tesouros e achados avulsos e de escavação no noroeste da Península. Apesar da sua análise abranger apenas os dois primeiros séculos do Império - pois 192, ano do assassinato de Commodus, marca também a passagem a um novo padrão de circulação monetária, com a ruptura do sistema introduzido por Augustus, a crescente desvalorização da moeda e a introdução do *antoninianus* no reinado de Caracala em 215.⁵ -, a verdade é que vem aumentar bastante o número de tesouros avançados por Hipólito e pelas *Fouilles*.

No que toca a tesouros formados exclusivamente ou quase exclusivamente por *sestertii*, Centeno avança com os tesouros de Norte de Portugal 1 (Centeno 61, *post* 148), Norte de Portugal 2 (Centeno 62, *post* 157), Salvaterra de Miño (Centeno 70, *post* 140), Banagouro (Centeno 7, *post* 169), Meixedo (Centeno 51, *post* 169) e Campeã (Centeno 16, *post* 184), mas são tesouros datáveis até finais do século II.

Mais recentemente, foi publicada uma compilação de todos os achados de tesouros do século III na Península, onde Martínez Mira⁶ assinala um conjunto de tesouros formados exclusivamente ou quase exclusivamente por *sestertii*: Bolibar (Vizcaya, *post* 231 d.C.), “Domus A” de Romeu (Sagunto, Valência, *post* 238), Talamanca (Ibiza, *post* 244), El Mirador (Denia, Alicante, *post* 240), Pollentia (La Alcudia, Mallorca, *post* 251), Los Torrejones (Yecla, Murcia, *post* 260), Cabrera III (Puerto de Cabrera, Baleares, *post* 260), Vilauba (Camos, Gerona, *post* 259), D’Eula (Crevillente, Alicante, *post* 259), Aljibe de Poveda (Lorca, Murcia, *post* 244), não assinalando nenhum tesouro em Portugal para além dos já referidos.

Uma análise sumária destes achados na Península permite verificar, logo à partida, que no Noroeste parece haver uma clara predominância de tesouros constituídos com *sestertii* no século II sobre os tesouros do mesmo tipo constituídos no século III

Como atrás dissemos, o tesouro da Quinta das Cortes é o único tesouro do século III conhecido até agora no noroeste da Península constituído apenas por moeda deste tipo, pelo que, apesar do reduzido número de numismas que o compõe, se torna um instrumento fundamental na análise do entesouramento e até da circulação monetária neste período.

A grande percentagem de moeda cunhada até 192 registada neste tesouro demonstra, por um lado, a pujança da circulação do bronze na época dos Antoninos e a sua grande aceitação entre as populações, o que se pode comprovar pela estrutura da maioria dos tesouros do século II analisados por Centeno⁷ em que o *sestertius* é, por norma, a moeda preponderante, seguindo-se-lhe o *as* e o *dupondius*.

⁵ Rui M. S. Centeno, *Circulação monetária no noroeste de Hispânia até 192*, Anexos NVMMVS, 1, Soc. Port. de Numismática, Porto, 1986.

⁶ Isidro Martínez Mira, Tesorillos del s.III d.C. en la Península Ibérica, *Lvcentvm*, XIV-XIV, 1995-97, pp. 119-180 e *Lvcentvm*, XIX-XX, 2000-2001, pp. 297-306.

⁷ *Op. cit.* p. 275.

Por outro lado, este dado comprova também a reduzida velocidade de circulação que a moeda tem nesta zona da Península. A moeda emitida entre 192 e 260 atinge apenas os 18% do total do tesouro, o que contrasta flagrantemente com os tesouros da área costeira mediterrânica, nomeadamente com o de *Cabrera III*, que é talvez o mais importante conjunto monetário desta época aparecido na Hispânia. O tesouro de Cabrera é constituído por 967 moedas, das quais 965 sestércios e dois antoninianos, aparecidos dentro de uma ânfora nas escavações sub-aquáticas de um barco romano naufragado junto à ilha de Cabrera, nas Baleares⁸.

Se atentarmos na composição do Tesouro de Cabrera III (fig. III), que se inicia com moeda de Domitianus e encerra com moeda de Salonina, mas cujo *sestertius* mais tardio é também de Valerianus, verificamos passar-se exactamente o contrário do constatado na Quinta das Cortes, isto é, a moeda posterior a 192 representa 73% do total do tesouro. O mesmo pode ser comprovado noutros tesouros da área mediterrânica e da própria Itália, como aliás Bost e M. Campo demonstraram⁹.

III - Tesouro de Cabrera III

Período	Total	Percentagem
Anterior a 192	215	22,28
193-221	24	2,49
222-238	206	21,35
238-249	255	26,42
249-253	85	8,81
253-260	16	1,66
Total de moedas identificadas	801	83,01
Ilegíveis	164	16,99
TOTAL	965	100,00

(Segundo J.-P. Bost e M. Campo)

A composição do tesouro da Quinta das Cortes poderá mostrar, então, que nesta área e neste período, a circulação de moeda em bronze ainda era feita com grandes quantidades de moeda dos Antoninos, e faz pensar se alguns dos tesouros normalmente datados do século II por encerrarem com exemplares de Marcus Aurelius ou de Commodus não poderão na realidade ser mais tardios, dada a progressiva rarefacção do *sestertius* nestas zonas periféricas, em que vai sendo progressivamente substituído pelo *antoninianus*, até ao seu radical desaparecimento a partir de Valerianus e Gallienus.

⁸ V. M. Guerrero Ayuso, D. Colls e F. Mayet, Arqueología submarina: el navío romano "Cabrera III", *Revista de Arqueología* 74, 1987, pp. 14-24.

⁹ Jean-Pierre Bost e Marta Campo, - El tesoro de Cabrera III. Sestércios de Domiciano a Valeriano, *VII Congreso Nacional de Numismática - Memoria*. (12-15 Dezembro de 1989), Madrid 1990, pp.297-308.

Esta progressiva rarefacção, aliada à lenta velocidade de circulação verificada, faz com que os *sestertii* posteriores a 192 e até Gallienus não sejam muito frequentes. Ainda no reinado deste imperador, instala-se um novo modelo de circulação, em que o bolhão radiado é omnipresente, sobretudo com as abundantes emissões de Gallienus e a famosa emissão comemorativa *Divo Claudio*, que normalmente constituem a maior percentagem dos tesouros desta época e dos achados avulsos nas escavações efectuadas a norte do rio Douro.

CATÁLOGO DAS MOEDAS

- 1 – Anv.: [IMP CAES DOM]IT. AVG. GERM. COS. X[I.....]
Rev.: Ilegível
Roma 85 - 96 d.C
- 2 – Anv.: IMP CAES NERVA TRAIAN AVG GERM P. M. TR. P. VI
Rev.: IMP IIII COS IIII DES V. P. P. SC
RIC II, 445 Roma 102 d.C.
- 3 – Anv.: HADRIANVS AVG COS III PP
Rev.: FORTVNAE REDVCI SC
RIC II, 761 Roma 134-138 d.C.
- 4 – Anv.: Cabeça de HADRIANVS à direita
Rev.: Ilegível
Roma, 117-138 d.C.
- 5 – Anv.: ANTONINVS AVG. PIVS PP
Rev.: TR POT COS II SC PAX
RIC III, 549 Roma, 2ª emissão 139 d.C.
- 6 – Anv.: DIVA FAVSTINA
Rev.: AVGVSTA SC
RIC III, 1122 Roma 141 d.C.
- 7 – Anv.: ANTONINVS AVG PIVS PP TR P XII
Rev.: COS III SC.
RIC III, 855 Roma 148-149 d.C

- 8 – Anv.: IMP CAES T AEL HADR ANTONINVS AVG PIVS PP
 Rev.: TR POT XV COS III SC
 RIC III, 888 Roma 151-152 d.C.
- 9 – Anv.: FAVSTINA AVGVSTA
 Rev.: HILARITAS SC
 RIC III, 1642 Roma 161-176 d.C.
- 10 – Anv.: FAVSTINA AVGVSTA
 Rev.: IVNONI REGINAE SC
 RIC III, 1651 Roma 161-176 d.C.
- 11 – Anv.: M. ANTONINVS AVG TR. P. XXVI
 Rev.: IMP VI COS III SC
 RIC III, 1034 Roma 171-172 d.C.
- 12 – Anv.: DIVVS ANTONINVS
 Rev.: CONSECRATIO (Pira) SC
 RIC III, 1266 Roma 179-180 d.C.
- 13 – Anv.: IMP CAES SEPT SEV PERT AVG
 Rev.: SAECVLO FRVGIFERO TRP COS SC
 RIC IV1, 655 Roma 193 d.C.
- 14 – Anv.: IVLIA AVGVSTA
 Rev.: IVNONI LVCINAE SC
 RIC IV1, 857 Roma 196-211 d.C. (2ª emissão)
- 15 – Anv.: IMP MAXIMINVS PIVS AVG
 Rev.: PAX AVGVSTI SC
 RIC IV2, 58 Roma 235-236 d.C.
- 16 – Anv.: MAXIMINVS PIVS AVG GERM
 Rev.: SALVS AVGVSTI SC
 RIC IV2, 85 Roma 236-238 d.C.

17 – Anv.: IMP GORDIANVS PIVS FEL AVG
 Rev.: FORTVNA REDVX SC
 RIC IV3, 331 Roma 243-244 d.C.

18 – Anv.: IMP M IVL PHILIPPVS AVG
 Rev.: SALVS AVG SC
 RIC IV3, 186 Roma 244-249 d.C.

BIBLIOGRAFIA

BOST, Jean-Pierre; CAMPO, Marta, 1990 – El tesoro de Cabrera III. Sestércios de Domiciano a Valeriano, *VII Congreso Nacional de Numismática – Memoria*. (12-15 Dezembro de 1989), Madrid, pp.297-308.

CAILLEUX, A, s/d, - *Code des couleurs des sols*, Paris.

CENTENO, Rui M. S., 1987 – *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Anexos NVMMVS, Soc. Portuguesa de Numismática, Porto.

GUERRERO AYUSO, V. M.; COLLS, D.; MAYET, F., 1987 – Arqueología submarina: el navío romano “Cabrera III”, *Revista de Arqueología* 74, pp.14-24.

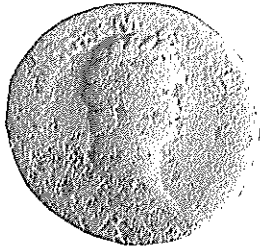
HIPÓLITO, Mário de Castro, 1960-61 – Dos tesouros de moedas romanas em Portugal, *Conimbriga*, Vol. II-III.

MARTÍNEZ MIRA, Isidro, 1995-1997 – Tesorillos del s.III en la Peninsula Iberica (I), *Lvcentvm* XIV-XVI, 119-180.

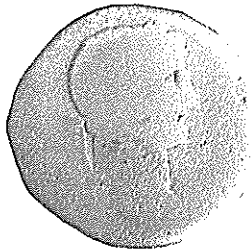
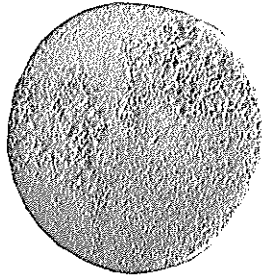
MARTÍNEZ MIRA, Isidro, 2000-2001 – Tesorillos del s.III en la Peninsula Iberica (II), *Lvcentvm* XIX-XX, 297-307.

MENDES-PINTO, José Marcelo S., 1996 - *Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Tâmega*, Porto 1996. (Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP, polic.)

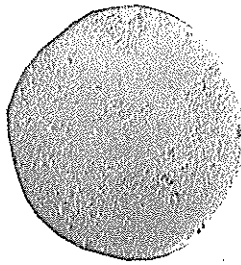
PEREIRA, I.; BOST, J.-P.; HIERNARD, J., 1974 - *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris.



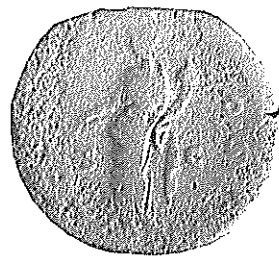
1

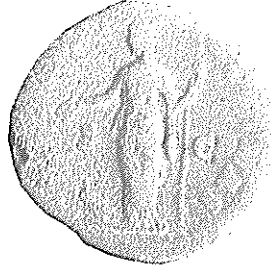
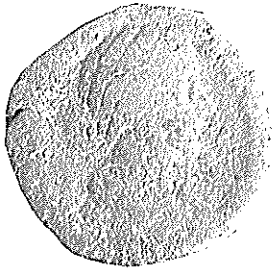


4



5





9



10



14